

GÊNERO TEXTUAL NA INTERFACE VARIAÇÃO-GRAMATICALIZAÇÃO: O CASO DA PERÍFRASE V1 (E) V2

GENRE IN THE VARIATION-GRAMMATICALIZATION INTERFACE: THE CASE OF PERIPHHRASIS V1 (AND) V2

Maria Alice Tavares¹

RESUMO

Com base em uma perspectiva de interface variação-gramaticalização, trato do uso variável dos verbos IR e PEGAR na perífrase V1 (E) V2. Faço uso de dados de fala extraídos dos *corpora* Discurso & Gramática referentes a Natal e ao Rio de Janeiro, e ao *corpus* VARSUL referente a Florianópolis. Tenho por objetivo analisar o gênero textual como fator condicionador da escolha entre IR e PEGAR para desempenhar o papel de V1 na perífrase V1 (E) V2. Os resultados mostram que IR é favorecido em relatos de procedimentos e relatos de opinião e PEGAR em narrativas de experiência pessoal e narrativas vicárias. É possível que IR e PEGAR tenham começado a integrar a perífrase V1 E V2 em gêneros narrativos, em que essa perífrase é mais frequente em várias línguas. Sendo assim, o fato de IR ser favorecido em gêneros textuais diferentes dos narrativos pode ser interpretado como um indício de que está mais avançando no processo de gramaticalização do que PEGAR.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Gramaticalização; Gênero textual.

ABSTRACT

Based in a variation-grammaticalization interface perspective, I address the variable use of verbs IR (GO) and PEGAR (TAKE) in periphrasis V1 E (AND) V2. I made use of speech data extracted from Discourse & Grammar *corpora* from Natal (RN) and Rio de Janeiro (RJ), and from VARSUL *corpus* from Florianópolis. I aim to analyze genre as a restrictive factor in the selection between IR and PEGAR to perform V1 role in the periphrasis V1 E (AND) V2. The results show that IR is favored in instructive reports and opinion reports and PEGAR is favored in personal experience narratives and vicarious narratives. It is possible that IR and PEGAR have begun to integrate periphrasis V1 E (AND) V2 in narrative genres, in which this periphrasis is more frequent in different languages. Therefore, the fact that IR is favored in non narrative genres can be comprehended as an indication that it is more advanced in the grammaticalization process than PEGAR.

KEYWORDS: Variation; Grammaticalization; Genre.

INTRODUÇÃO

Apresento resultados provenientes de uma pesquisa² que, adotando uma perspectiva teórico-metodológica de interface variação-gramaticalização (cf. GÖRSKI, TAVARES, 2017), focaliza o uso variável dos verbos IR e PEGAR na perífrase V1 (E) V2,³ em que V1 é o verbo

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: aliceflp@hotmail.com.

² Pesquisa intitulada Variação e gramaticalização na indicação de aspecto global através da perífrase [V1auxiliar (PEGAR, CHEGAR, IR etc.) (E) + V2principal]: um estudo sociofuncionalista comparativo, que contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, processo nº 305818/2008-2.

³ Foram tomados como formas variantes da indicação de aspecto global os verbos mais recorrentes nas três comunidades de fala: IR e PEGAR, que contaram com dados suficientes para a realização de rodadas estatísticas. Outra forma que apareceu, mas com baixa frequência, foi CHEGAR.

auxiliar gramatical e V2 é o verbo principal lexical.⁴ Nessa pesquisa, de perspectiva sincrônica, foi observada a influência exercida por fatores de diferentes naturezas sobre a seleção entre IR e PEGAR: comunidade de fala, idade/escolaridade do informante, gênero textual, traço semântico de V2, tempo dos verbos que compõem a perífrase, presença de pausa entre V1 e V2, presença da conjunção E entre V1 e V2. Os resultados obtidos pelo controle desses fatores foram interpretados como indícios de que IR pode estar mais avançado em seu processo de gramaticalização do que PEGAR (cf. TAVARES, 2012; TAVARES, 2018). Neste estudo, focalizo apenas o gênero textual.

Os dados provêm dos *corpora Discurso & Gramática* correspondentes às cidades de Natal (RN) e do Rio de Janeiro (RJ), e do Banco de Dados Variação Linguística da Região Sul (VARSUL) correspondente à cidade de Florianópolis (SC). Observemos algumas ocorrências:

- (1) E quando eu estava bêbado ninguém percebia que eu estava bêbado. Aí eu estava em casa uma vez com a minha irmã, a minha irmã estava sentada lá, eu falei com ela, **ela foi e me respondeu**. Eu dei um tapa nela, um soco nela, **ela foi e caiu nos meus pés**. Dalí eu- eu saí mesmo- ela falou que ia chamar a polícia pra mim, e desse dia eu passei a pensar mais na minha vida, depois eu fiquei falando: “Por que eu fiz aquilo com ela? minha irmã...” (D&G/Rio de Janeiro)
- (2) I (*informante*): Ela veio um monte de vezes pra cá, mas a principal vez assim que o pai não gostou e eu- levou ela de volta foi quando- foi quando ela **pegou foi** lá no quarto andar e deu uma mijadona na- na frente da- do- do-
E (*entrevistador*): Do Moacir.
I: Não, não foi do- É, foi do Moacir, foi do Moacir. Deu uma tremenda mijadona lá e o pai me levou ela. (VARSUL/Florianópolis)

A função gramatical de V1 na perífrase V1 (E) V2 ainda não foi bem especificada.⁵ Entre as funções propostas para o português brasileiro e para o português europeu, estão: (i) indicar a avaliação do locutor sobre a atitude do agente do evento reportado (MERLAN, 1999, p. 205); (ii) indicação de tomada de iniciativa (BORBA, 2002, p. 1047); (iii) ênfase/dramatização do evento referido pelo segundo verbo (RODRIGUES, 2006, p. 99); (iv) marcação do desenvolvimento de eventos narrados (COLAÇO, 2010, p. 311).

Adoto, porém, outra proposta, a de Coseriu (1977, 1996), aplicada pelo autor a várias línguas e que parece abranger as diferentes funções que vêm sendo apontadas na literatura. Inspirado em Keniston (1936), Coseriu (1977, 1996) define o primeiro verbo da construção do espanhol TOMO Y (ME) VOY (PEGO E (ME) VOU) como verbo auxiliar que atribui ao segundo verbo um sentido global, isto é, pontual.⁶ Segundo o autor, nessa construção, o significado pontual não se refere à duração do evento, em que se opõe o traço momentâneo/pontual ao durativo, mas sim à visão, em que se opõe o traço global ao cursivo, isto é, um traço totalizador a um traço particularizador (parcializador). Embora formas verbais simples possam assumir a função de expressar a visão global (como em *ESTOU LENDO* (parcializante) ~ *LEIO* (neutral, não parcializante, global)),

⁴ Alinhando-me a Coseriu (1977), considero V1 um verbo auxiliar. Hopper e Traugott (2003) também consideram auxiliares verbos que ocupam a posição de V1 em perífrase semelhante no inglês. No caso do português, Almeida e Oliveira (2010) compactuam da proposta de que os verbos em tela são auxiliares. Uma discussão sobre essa questão pode ser conferida em Tavares (2009a).

⁵ Para cada proposta acerca da função de V1 na perífrase V1 (E) V2, há ocorrências que representam exceções. Tavares (2009a) discute algumas dessas propostas.

⁶ Coseriu (1977), levando em conta diferentes línguas europeias, elenca como indicadores de aspecto global verbos equivalentes a PEGAR, AGARRAR, IR, VIR, ESTAR, SENTAR-SE, PÔR-SE, SER, CHEGAR, SALTAR, INCITAR-SE (ANIMAR-SE) e VIRAR.

Existem, não obstante, expressões para acentuar o global, se bem que, é certo, de menor frequência que as de parcialização. Em todas as línguas românicas, com exceção do francês, estas são perífrases copulativas com *tomar, agarrar, coger*;⁷ compare-se com o espanhol *tomo y escribo, cojo y escribo, agarro y escribo*. Também pela acentuação do global se deixam explicar todas as significações “enfáticas” do modo de falar, como “de fato”, “rápido”, “inesperado”, “surpreendente”, “decidido”, “terminantemente”, “afetivo” etc. (COSERIU, 1996, p. 108).

De acordo com Coseriu (1977, p. 122), essas significações poderiam ser aceitas pelos falantes como “interpretações correspondentes ao sentido da locução”. No caso do português brasileiro, os verbos IR e PEGAR na perífrase V1 (E) V2 indicam um conjunto de nuances semântico-pragmáticas que vão desde o caráter repentino, instantâneo ou até brusco da ação expressa por V2 à contraexpectativa, nesse caso, ressaltando nuances de caráter mais subjetivo, como a surpresa ou a frustração frente a um evento inesperado.

Entre as propriedades semânticas da perífrase V1 (E) V2, estão: (i) o verbo principal V2 traz o significado referencial da perífrase; (ii) há uma única oração que predica um único evento (monopredicação), uma vez que V1 não denota um evento diferente daquele denotado por V2; (iii) V1 é semanticamente inseparável de V2. Quanto às propriedades morfosintáticas, temos: (i) os verbos integrantes da perífrase constituem uma única unidade sintática em que V1 sempre precede V2; (ii) V1 apresenta marcas de tempo, aspecto, modo, pessoa e número iguais às de V2; (iii) como a perífrase denota um evento único, nela está presente um único sujeito, e (iv) a conjunção E é facultativa.

Como resultado do processo de mudança por gramaticalização (cf. a seguir), os verbos IR e PEGAR adquiriram uma mesma função, a indicação de aspecto global. Podem, portanto, ser considerados como formas variantes, nos moldes da sociolinguística variacionista, sendo possível a análise de condicionamentos ao uso de cada verbo V1 por parte de fatores interlinguísticos e extralinguísticos.

Uma forma pode passar pela gramaticalização no contexto de um gênero textual específico e só depois se expandir para outros gêneros (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003; MAIR, 2011). A perífrase V1 (E) V2 parece ter iniciado seu processo de mudança em gêneros narrativos, por ser aí até hoje mais recorrente, e por desempenhar papéis de destaque na narrativa (cf., entre outros, MERLAN, 1999; RODRIGUES, 2006; COLAÇO, 2010).

Neste estudo, tenho por objetivo analisar o gênero textual como fator condicionador da escolha entre IR e PEGAR para desempenhar o papel de V1 na perífrase V1 (E) V2. A hipótese é de que um desses verbos esteja mais avançado do que o outro no processo de gramaticalização no sentido de ser favorecido em gêneros não narrativos. Controlo os seguintes gêneros: narrativa de experiência pessoal, narrativa vicária, relato de opinião e, agrupados, gêneros a que se pode atribuir o rótulo de relato de procedimentos, a exemplo de receita culinária e de instruções para montagem de um objeto.

Justifico a importância da investigação aqui relatada pelo fato de que ela contribui para a obtenção de um retrato mais preciso sobre o desenvolvimento contínuo dos percursos de gramaticalização de IR e PEGAR como aspectualizadores globais. No desempenho dessa função, esses verbos são frequentes na fala cotidiana e aparecem também em textos escritos caracterizados por maior informalidade, o que faz com que seja imprescindível a realização de um exame cuidadoso para o aprofundamento do conjunto de conhecimentos sobre o seu comportamento variável e suas trajetórias de mudança no português brasileiro, inclusive no que diz respeito à expansão para diferentes gêneros textuais.

A seguir, abordo a interface variação-gramaticalização com foco no papel do gênero textual. Depois, apresento a descrição dos *corpora* e dos procedimentos metodológicos, bem como a análise dos resultados. Finalizo com as considerações finais e as referências bibliográficas.

⁷ Os verbos TOMAR e COGER do espanhol têm, como tradução no português, *pegar*.

1 Variação e gramaticalização: foco no gênero textual

Uma investigação feita na perspectiva da interface variação-gramaticalização

envolve contribuições mútuas: o tratamento da variação linguística pode ser aprimorado com subsídios vindos de estudos sobre a gramaticalização, assim como a análise do processo de gramaticalização pode ser enriquecida com informações provenientes de análises variacionistas. (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 35)

Hopper e Traugott (2003, p. 1) definem a gramaticalização como um processo de mudança através do qual um item lexical recorrentemente empregado em situações comunicativas particulares torna-se, no curso do tempo, um item gramatical, ou através do qual um item já integrante da gramática de uma língua adquire uma nova função gramatical.

Conforme os autores, a gramaticalização envolve duas etapas: (i) o processo de desenvolvimento pelo qual uma forma lexical ou já gramatical adquire uma função gramatical; e (ii) a expansão dessa forma em sua nova função para contextos distintos, cada vez mais distantes daqueles que lhe deram origem. Neste texto, abordo este último estágio, em que as formas já estão gramaticalizadas, mapeando possíveis indícios da expansão de IR e PEGAR aspectualizadores globais para diferentes gêneros textuais, considerando que a “frequência com que a nova estrutura é usada aumenta gradualmente ao longo de tipos linguísticos, estilos e gêneros” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 232 – grifo acrescentado).⁸

Devido à gramaticalização, IR e PEGAR passaram a desempenhar a mesma função, o que os torna candidatas a um exame variacionista. A sociolinguística variacionista dedica-se ao fenômeno da variação linguística, tomando como objeto duas ou mais formas que têm o mesmo significado ou função e que podem ser alternadamente selecionadas em um mesmo contexto de interação particular (cf. LABOV, 2008[1972]; TAGLIAMONTE, 2006). Essas formas são denominadas variantes e seu conjunto é denominado variável linguística. Sua seleção pode sofrer restrições sociais, linguísticas e estilísticas, aptas a serem mensuradas através de procedimentos estatísticos em busca de padrões de distribuição regulares das formas. Neste estudo, as formas variantes são os verbos IR e PEGAR e a variável linguística alvo da investigação é a função de indicação de aspecto global através da perífrase V1 (E) V2.

Ao analisarmos as restrições que condicionam um conjunto de formas variantes, podemos obter informações sobre o processo de gramaticalização dessas formas, integrando, desse modo, a “pesquisa sociolinguística sincrônica em uma abordagem variacionista à pesquisa da gramaticalização” (TAGLIAMONTE, 2000, p. 329).

Uma vez que o gênero textual é foco deste estudo, cumpre distinguir gênero e sequência textuais. Segundo Martin e Rose (2008, p. 6), gêneros textuais são padrões de textos globais com “recorrentes configurações de significados [...] que concretizam as práticas sociais de uma dada cultura.” Os gêneros são adaptados para a realização de objetivos particulares, de ordem social, tanto na fala quanto na escrita. Existem incontáveis gêneros, como “telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia, horóscopo, receita culinária” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Por sua vez, as sequências textuais são uma categoria fechada, com poucos membros: marchunarrativa, injuntiva, explicativa, argumentativa e descritiva). Elas são diferenciadas em relação a traços linguísticos (lexicais, morfológicos, sintáticos, semânticos). Um único gênero textual pode ser constituído por duas ou mais dessas sequências. Por exemplo, “sermões podem ser realizados em parte por narrativas com tempo verbal passado e pronomes de terceira pessoa,

⁸ Tavares (2009b) levanta indícios morfossintáticos, semânticos e pragmáticos acerca das etapas dos percursos de gramaticalização que podem ter sido seguidos por IR e PEGAR de verbos plenos a auxiliares na perífrase V1 (E) V2.

em parte podem conter injunção em formas imperativas, ou descrições com orações existenciais” (TAAVITSAINEN, 2001, p. 140).

As sequências textuais têm sido abordadas em pesquisas variacionistas ao menos desde a década de 1980 (cf. FREITAG, 2014), mas seu controle não é tão recorrente nos estudos sobre a gramaticalização. Por exemplo, em uma obra de grande fôlego sobre esse processo de mudança, *The handbook of grammaticalization* (NARROG; HEINE, 2011), o termo *narrative* (“narrativa”) é mencionado apenas 18 vezes, em sua maioria, na descrição de *corpora* utilizados como fontes de dados.

Quanto ao gênero textual, apesar de haver estudos variacionistas que o levem em conta, nem sempre ele ocupa lugar central. Mondorf (2010, p. 220) afirma que o efeito do gênero sobre os fenômenos variáveis “tem sido frequentemente negligenciado mesmo na pesquisa variacionista.” Importa dar lugar central ao gênero porque é possível identificarmos “diferenças na proporção de uso de variantes linguísticas dependendo do gênero analisado” (BERLINCK; BIAZOLLI; BALSALOBRE, 2014, p. 262), o que é relevante para a proposição de explicações mais bem fundamentadas para o comportamento de variáveis linguísticas.

Na proposta de análise em interface variação-gramaticalização feita aqui, o controle dos gêneros permite aventar explicações para a distribuição sincrônica das variantes IR e PEGAR na perífrase V1 (E) V2 no que se refere ao gênero textual na ótica de possíveis avanços do processo de gramaticalização. Walker (2014, p. 65) pondera que “a teorização da gramaticalização precisa às vezes ser mais sensível à variação social, regional e de gênero textual”. Hopper e Traugott (2003, p. 67) já apontavam para a importância do controle do gênero no processo de disseminação da gramaticalização. De acordo com os autores, “análises quantitativas podem ser feitas levando em conta várias variáveis, tais como disseminação ao longo de comunidades, ou estilos, ou gêneros.”

O supramencionado *The handbook of grammaticalization* não dá destaque à questão da disseminação de formas em gramaticalização para diferentes gêneros. É digno de nota que há apenas 17 referências ao termo *genre* (“gênero textual”) em 909 páginas, a maioria delas na descrição dos *corpora* que forneceram os dados. Apenas Mair (2011), em um capítulo do total de 65 páginas, alerta que levar em conta os gêneros textuais permite que se possam observar diferentes etapas da disseminação das formas. Segundo o autor, nos estágios finais do processo de mudança, “o objetivo principal é examinar o modo pelo qual uma forma ou construção já gramaticalizada gradualmente se dissemina ao longo de gêneros textuais, variedades regionais e sociais e finalmente se estabelece no sistema gramatical nuclear” (MAIR, 2011, p. 244).⁹ É a essa tarefa que aqui me proponho, no que diz respeito aos gêneros textuais.

Na seção que segue, são descritos os *corpora* que serviram como fonte de dados para a pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados. Na sequência, é apresentada a análise dos resultados.

2 Procedimentos metodológicos

Fiz uso de dados extraídos de três *corpora*, cada um deles correspondente a uma comunidade de fala: (i) *Discurso & Gramática/Natal* (CUNHA, 1998); (ii) *Discurso & Gramática/Rio de Janeiro* (VOTRE; OLIVEIRA, 1995), e (iii) *Variação Linguística da Região Sul* -

⁹ No entanto, Mair (2011, p. 248) classifica como gêneros elementos distintos: fala (que é uma modalidade da língua, ao lado da escrita), ficção (que é um domínio discursivo – o ficcional – em que se enquadram diferentes gêneros, como conto, romance, poema, fábula, peça teatral) e jornal (que é um suporte para diferentes gêneros do domínio jornalístico, como notícia, reportagem, editorial, carta do leitor, anúncio). Em Marcuschi (2008), podem ser conferidas discussões sobre modalidade, domínio discursivo e suporte.

VARSEL/Florianópolis.¹⁰ Esses *corpora* foram selecionados devido a sua disponibilidade e a seu período de constituição semelhante, a década de 1990.

O *corpus* D&G/Natal é formado por depoimentos de vinte indivíduos distribuídos homogeneamente quanto ao sexo, à escolaridade e à idade. Cada um desses indivíduos produziu cinco tipos distintos de textos orais e as versões escritas correspondentes: (i) narrativa de experiência pessoal; (ii) narrativa recontada; (iii) descrição de local; (iv) relato de procedimento; (v) relato de opinião.¹¹ Para esta pesquisa, coletei dados apenas de fala, visto que as ocorrências da perífrase sob enfoque na amostra escrita foi escassa.

O *corpus* D&G/Rio de Janeiro é constituído por depoimentos de noventa e três indivíduos, cada um dos quais produziu cinco textos orais e cinco textos escritos nos mesmos moldes daqueles do *corpus* D&G/Natal. Para garantir as comparações, selecionei apenas vinte informantes desse *corpus*, respeitando a mesma distribuição quanto ao sexo, à idade e à escolaridade encontrada no *corpus* D&G/Natal e considerando também apenas dados de fala.

Como não há, nas capitais do Sul do Brasil, *corpora* que se assemelhem aos do D&G, utilizei dados referentes ao *corpus* de Florianópolis integrante do Banco de Dados VARSUL/UFSC. Essa amostra, unicamente de fala, é constituída por entrevistas sociolinguísticas com vinte informantes nativos da região urbana, estratificados de acordo com as variáveis sociais sexo, idade e escolaridade. Novamente, para garantir as comparações, foram selecionados informantes florianopolitanos com características sociais similares aos dos informantes natalenses e cariocas.

Houve necessidade, no decorrer da investigação, de redução do número de informantes. Não foram encontrados dados suficientes de IR e PEGAR entre os indivíduos de 23 a 25 anos (correspondentes aos indivíduos com ensino superior). Esse grupo etário teve, então, de ser excluído da análise quantitativa. Os demais grupos etários foram incluídos, mas os dois grupos mais jovens (5 a 8 anos e 9 a 11 anos) foram agrupados, porque contam, cada uma delas, com um menor número de dados relativamente às duas faixas posteriores (13 a 16 anos e 18 a 21 anos). Nem todos os informantes selecionados produziram dados com verbos aspectualizadores globais IR e PEGAR, o que levou à opção pela diminuição do número de informantes de dois para um em cada célula social. Nas três comunidades de fala consideradas. Assim, o total de informantes utilizados foi de 24, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Distribuição dos informantes de acordo com as células sociais

NÍVEL DE ESCOLARIDADE / IDADE)	SEXO	
	FEMININO	MASCULINO
Alfabetização infantil / 5 a 8 anos	3	3
Quarta série ensino fundamental / 9 a 11 anos	3	3
Oitava série ensino fundamental / 13 a 16 anos	3	3
Terceira série ensino médio / 18 a 21 anos	3	3

Fonte: Autor

A entrevista sociolinguística é um gênero textual elaborado para suprir necessidades da pesquisa variacionista, tais como a identificação de padrões de variação linguística, social e estilística das formas variantes e a obtenção de dados de diferentes fenômenos variáveis em número suficiente para o tratamento estatístico (cf. PAREDES SILVA, 1997; FREITAG *et al.*, 2009; TAVARES, 2014). Trata-se de uma entrevista semidirigida, em que o entrevistador estimula o informante através de perguntas sobre assuntos variados, mas também dá liberdade para que ele discorra sobre assuntos de seu interesse. O informante pode deter a palavra em turnos longos, em que podem ser produzidos diferentes gêneros textuais. Entre os gêneros mais

¹⁰ Informações sobre os bancos de dados *Discurso e Gramática* podem ser conferidas em www.discursogramatica.clic3.net, e informações sobre o banco de dados VARSUL em <http://www.cce.ufsc.br/~varsul/objetivo.htm>.

¹¹ No *corpus* D&G, as narrativas vicárias – designação assumida aqui – são chamadas de narrativas recontadas.

comuns, estão a narrativa de experiência pessoal e o relato de opinião, mas também podem ser encontradas a narrativa vicária, a narrativa autobiográfica, a piada, a receita culinária, entre outros.

Como a entrevista sociolinguística comporta vários gêneros, pode ser entendida como um macrogênero no sentido de Martin (1994; 2000; 2002), que atribui o rótulo de encaixamento para a ocorrência de um gênero dentro de outro, e o rótulo de macrogênero para um gênero que abriga outros gêneros. É exemplo a produção de narrativas de experiência pessoal dentro dos gêneros aula, romance, conversação, conferência, carta pessoal, diferentes tipos de entrevista, entre outros. Nas entrevistas de Florianópolis, coletei dados nos mesmos gêneros textuais do *corpus* D&G: narrativa de experiência pessoal, narrativa vicária, relato de opinião e diferentes tipos de relatos de procedimento. Não houve dados, em nenhum dos *corpora*, na descrição (que não é um gênero e sim uma sequência textual).

Na constituição dos *corpora* D&G, os informantes foram avisados, de antemão, que teriam de produzir textos orais e escritos de cinco tipos distintos. Durante a coleta dos depoimentos, os indivíduos foram diretamente instados a essa produção através de comandos como “eu queria que ago- agora que você me contasse uma história que tenha acontecido com você e que você tenha achado engraçada ou triste ou constrangedor” (D&G/Rio de Janeiro) e “hoje nós vamos fazer é- a narrativa recontada, você vai contar pra mim uma história ou um filme ou um livro que alguém tenha contado pra você” (D&G/Natal).

Nas entrevistas sociolinguísticas do *corpus* VARSUL, algumas perguntas feitas pelos entrevistadores levaram informantes a produzir diferentes gêneros textuais, a exemplo de “mas quando tu eras pequeno, tem alguma coisa assim, da infância que tu achas que ficou marcada?” (VARSUL/Florianópolis) e “em relação à cozinha, tu sabes fazer alguma coisa na cozinha?” (VARSUL/Florianópolis). Também foram produzidos gêneros textuais de modo espontâneo, isto é, não inspirados na pergunta do entrevistador, geralmente nos casos em que o informante tomava à frente na entrevista, inclusive, selecionando os assuntos dos quais gostaria de tratar.

Inicialmente, controlei os seguintes fatores: comunidade de fala, escolaridade/idade do informante, sexo do informante, gênero/sequência textual, pontualidade do evento referido por V2, subtaneidade do evento referido por V2, previsibilidade do evento referido por V2, natureza da avaliação do falante relativamente ao evento referido por V2, tomada de iniciativa à ação por parte do sujeito da perífrase, relação com a progressão do tópico/assunto, traço semântico de V2, tempo dos verbos que compõem a perífrase, presença de pausa entre V1 e V2, extensão da pausa, presença da conjunção E entre V1 e V2, presença de material interveniente entre V1 e V2.

Submeti os dados a tratamento estatístico multivariado através do programa GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para cálculo de frequências, percentuais e pesos relativos. Desses dezesseis fatores, sete foram selecionados como estatisticamente significativos: comunidade de fala, idade/escolaridade do informante, gênero textual, traço semântico de V2, tempo dos verbos que compõem a perífrase, presença de pausa entre V1 e V2, presença da conjunção E entre V1 e V2. Neste trabalho, abordo apenas o gênero textual.¹²

O peso relativo é uma medida multivariada, obtida pela interação entre todos os fatores de cada grupo de fatores condicionadores em relação ao fenômeno variável, indicando a influência de cada um desses fatores sobre cada uma das variantes. Essa medida varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 0, menos influente é o fator que o recebeu; quanto mais próximo de 1, maior é a influência. Um peso de 0.50 tende a ser indiferente, mas, “embora isso geralmente seja verdadeiro, não é o modo mais preciso de se conceber os pesos dos fatores. [...] a posição *relativa* dos pesos em relação uns aos outros é que é o critério relevante para a interpretação dos resultados” (TAGLIAMONTE, 2006, p. 14).

¹² Resultados referentes aos demais grupos de fatores podem ser conferidos em Tavares (2012). Em Tavares (2018), podem ser conferidos resultados referentes à distribuição de IR e PEGAR quanto à comunidade de fala, à presença de pausa entre V1 e V2 e à presença da conjunção E entre V1 e V2.

Na próxima seção, descrevo e exemplifico os gêneros textuais controlados e apresento os resultados obtidos.

3 IR e PEGAR na perífrase V1 (E) V2: gênero textual

Três dos tipos de textos que constituem o corpus deste estudo podem ser considerados gêneros textuais – a narrativa de experiência pessoal, a narrativa vicária e o relato de opinião (cf. RIESSMAN, 2008; TAVARES, 2017), um dos tipos de texto é melhor conceituado como sequência textual – a descrição de local, e um dos tipos de texto na verdade agrega um conjunto de gêneros textuais – o relato de procedimentos. Entre esses gêneros, encontrei, no corpus, receitas culinárias, regras de jogos, instruções para pintura de quadros.

Não houve dados de IR e PEGAR em descrições de local. Os gêneros textuais controlados neste estudo podem ser assim caracterizados:

a) *Narrativa de experiência pessoal*: O falante conta eventos dos quais foi o protagonista. Esses eventos foram de alguma forma extraordinários e despertaram sensações como surpresa, alegria, alívio, tristeza, medo, raiva (cf. LABOV, 2004, 2013).¹³ A seguir, há uma narrativa de experiência pessoal em que o informante narra uma situação em que encontrou uma solução criativa para a montagem de uma barraca:

(3) I: É, porque eu já torci a perna de um amigo meu, não tem? Que eu- eu estava vindo assim, estávamos eu e ele na corrida, eu dei uma porrada. Ele meteu o pé, hã?

E: Estava-

I: Estávamos eu e ele no gol. E eu estava na corrida e ele no gol. Eu **peguei e dei-lhe** uma porrada. Ele botou o pé na bola assim e torci o pé dele. Ele caiu no chão, assim que ele meteu o pé, torci. (hes) “Enfiaram” um monte de coisas no pé dele. Aí também tem esses lancezinhos assim. Mas aí é tudo normal. (VARSUL/Florianópolis)

b) *Narrativa vicária*: O falante conta eventos que tiveram outra pessoa como protagonista. Há dois tipos de narrativa vicária: (i) eventos reais que o falante não testemunhou, mas que lhe foram relatados pela pessoa envolvida ou por um terceiro indivíduo e (ii) eventos ficcionais a que o falante teve acesso através de filmes, novelas, romances, entre outros (cf. NORRICK, 2013; DANTAS; GIBBON, 2014). Em contraste com a narrativa de experiência pessoal, em que os eventos são relatados em primeira pessoa, na narrativa vicária os eventos são relatados em terceira pessoa. A seguir, o informante narra uma história que lhe foi contada por um amigo:

(4) É- é- era uma vez um homem, um prefeito de uma cidade que ia ter uma data comemorativa, mas a cidade não tinha dinheiro pra fazer essa festa, então o prefeito disse: “cada pessoa vai trazer um copo de vinho branco e de- derramar no barril que vai ficar no centro da cidade”. Aí o cara muito sabido, né? Pensando que o resto tudinho ia botar vinho branco, **pegou e disse**: “eu vou botar é- eu vou botar é água porque é parecido com o vinho branco, ninguém vai notar”. Aí **foi botou** água, aí isso todo mundo botou, né? Aí no dia da festa, quando todo- quando eles foram tirar o vinho branco que- que- que eles tinham derramado, num tinha vinho branco, só tinha água, porque todos ficaram se confiando que o outro ia botar vinho branco, que todos botaram água. (D&G/Natal)

c) *Relato de procedimentos*: Devido a menor ocorrência de dados, optei por tomar em conjunto os gêneros procedimentais. Nesses gêneros, são descritas as etapas necessárias à realização de

¹³ Labov (2003, 2013) não define a narrativa de experiência pessoal como gênero textual, mas Eckert (2001), Macaulay (2001) e Paredes Silva (2010) defendem que ela é um gênero textual, inclusive quando produzida dentro de uma entrevista sociolinguística.

alguma tarefa ou processo. Essas etapas são apresentadas em ordem cronológica. Alguns dos gêneros procedimentais que identifiquei foram: receita culinária, instruções para brincadeiras infantis, para jogos de computador, para montagem de algo (como uma flor de papel e um sofá), para pintura de um quadro, para pintura de unhas etc. Segue uma receita culinária:

(5) I: Bolo de cenoura.

E: Tá, me explica então como é que faz.

I: Eh, pega- Deixa eu ver. Três cenouras médias, descasca e corta picadinha, pequenininha, bota no liquidificador. Pega um copo de óleo, três ovos, bate tudo, depois bota num recipiente, numa vasilha. Ali tu bota açúcar, três copos de açúcar, depois quatro copos de farinha de trigo, não precisa mais, leite, mexe. Não é uma coisa difícil não, é fácil. Aí **vai bota** num tabuleiro de- Antes se faz a calda, calda de chocolate, que leva seis colheres de Nescau, manteiga e-, manteiga, leite, só, e açúcar, um pouco de açúcar. Depois do bolo pronto, você bota a calda, só, mais nada. (D&G/Rio de Janeiro)

d) *Relato de opinião*: O falante argumenta favorável ou contrariamente a um assunto, geralmente de cunho polêmico e de interesse público, relacionado a áreas diversas, como política, econômica, religiosa.¹⁴

(6) É preciso que haja alguém que invista mais na educação das classes mais pobres que é a grande maioria pra que eles despertam mais que a gente possa ter um dia uma vida digna, né? Aí vem aquela falta de consciência. A gente vê que nos interiores- Quando chega a época de eleição, o que é que faz? Podem ter duas pessoas boas candidatas que acontece o seguinte: eles compra o voto. Pega lá, vai, dá um dinheiro e diz “olhe, vote em fulano.” Ele **vai e vota**. Num sabe pra quê, mas vivem em condições miseráveis. Eles têm um dinheirinho a mais, eles não vão negar, quer dizer o- Daí já lhe tira o direito de- de escolher o número melhor. Eles são obrigado a viverem ruim, passam uns dias melhores em busca do dinheiro, depois continua a na- naquela mesma rotina de que num presta e num sabe mais como votar e depois mete o pau, comentam, se lastimam. (D&G/Natal)

Vejamos a seguir os resultados obtidos:

Tabela 1 – Distribuição de PEGAR e IR quanto ao gênero textual

GÊNEROS	IR			PEGAR		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Narrativas	53/126	42	0.41	73/126	58	0.69
Relato de procedimento	20/35	57	0.60	15/35	43	0.45
Relato de opinião	16/25	64	0.67	9/25	36	0.37
TOTAL	89/186	100		97/186	100	

Fonte: Autor

Obtive um total de 186 dados, dos quais 89 foram de IR (48%) e 97 foram de PEGAR (52%). Os resultados para a narrativa de experiência pessoal e para a narrativa vicária foram similares: ambas favoreceram o uso de PEGAR. Considerando essa similaridade e o fato de que ambas são gêneros narrativos, agrupei-as em um único fator, “narrativas”. No plano geral, os dados foram mais frequentes nas narrativas, que contaram com 126 ocorrências (68% do total de

¹⁴ Na narrativa de experiência pessoal e na narrativa vicária, além das sequências narrativas predominantes, podem aparecer também sequências argumentativas, explicativas, descritivas e injuntivas. No relato de opinião, predominam sequências argumentativas e explicativas, mas também podem ocorrer sequências narrativas, descritivas e injuntivas. Nos relatos de procedimentos, além das sequências injuntivas, pode haver sequências explicativas e descritivas.

186). O relato de procedimento e o relato de opinião favoreceram o uso de IR, com frequências de 57% e 64% e pesos relativos de 0.60 e 0.67, respectivamente. A narrativa de experiência pessoal e a narrativa recontada, agrupadas como “narrativas”, favoreceram o uso de PEGAR, com frequências de 58% e peso relativo de 0.69. Como esses resultados podem ser interpretados?

Vários estudiosos dedicados ao estudo das perífrases V1 (E) V2 defendem que elas têm uma função ligada à narrativa ou, ao menos, que são mais recorrentes em textos de gêneros narrativos. Para Merlan (1999, p. 204), as perífrases sob enfoque são específicas do discurso narrativo e “[...] fazem parte do conjunto de estratégias narrativas de que se vale o locutor para despertar ou estimular o interesse do alocutário (muitas vezes ouvinte) e manter viva a sua atenção.” Colaço (2010) também reporta uma ligação sistemática dessas perífrases com a narração de eventos. Rodrigues (2006), igualmente, afirma que é no contexto da narrativa que essas perífrases são mais recorrentes.

Pesquisadores que trataram de perífrases similares no inglês, como GO AND V, TRY AND V, TAKE AND V, também apontaram a relação entre elas e a narrativa. Segundo Brinton (1988, p. 79), as perífrases em causa têm “uma função textual de demarcação, ocorrendo em estágios da sequência narrativa, em pontos de transição entre eventos”. Sánchez (1999) lista três contextos típicos para o emprego dessas perífrases, dois dos quais se relacionam à narrativa: ordens, sugestões e convites; introdução de um novo episódio em uma narrativa; retorno ao tópico principal em uma narrativa, depois de uma digressão.

Quanto a outras línguas, Taube (2012), com base em dados do iídiche, aponta que, embora perífrases do tipo V1 (E) V2 possam aparecer em diversos contextos, predominam nas narrativas. Semelhantemente, Haddington, Jantunen e Sivonen (2011, p. 94) informam que, no finlandês, perífrases desse tipo “são usadas em sequências de narração de histórias”.

Uma vez que a perífrase V1 (E) V2 é mais frequente em contextos narrativos – tanto no português, nas vertentes brasileira e europeia), quanto em diferentes línguas – é provável que seus processos de gramaticalização tenham tido início – independentemente da língua – em gêneros da esfera narrativa. Sendo assim, o fato de IR ser favorecido em gêneros textuais diferentes dos narrativos pode ser interpretado como um indício de que, no português brasileiro, pode estar mais avançando em seu processo de gramaticalização na perífrase VI (E) V2 do que PEGAR, que foi favorecido em dois tipos de narrativas, a de experiência pessoal e a recontada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, analisei o emprego variável de IR e PEGAR como aspectualizadores globais no papel de VI na perífrase V1 (E) V2 considerando a influência do gênero textual. Os resultados revelaram maior utilização de IR em relatos de procedimentos e relatos de opinião e de PEGAR em narrativas de experiência pessoal e narrativas vicárias. Interpretei esses resultados como diagnosticando maior avanço da gramaticalização de IR em relação a de PEGAR.

A gramaticalização é um processo contínuo: as formas adquirem função gramaticais em situações bastante específicas e são pouco a pouco disseminadas para um maior número de contextos. Quanto maior o número de contextos em que uma forma for empregada, mais rotinizada na gramática da língua ela estará. O favorecimento de IR em gêneros textuais distintos daqueles nos quais possivelmente teve início o seu processo de mudança, os gêneros narrativos, constitui indício do avanço desse verbo na direção de uma maior gramaticalização.

Ressalto que as observações aqui feitas precisam ser bastante refinadas, já que se fundamentam em resultados ainda de natureza exploratória, obtidos com base em dados provenientes de um corpus que congrega poucos informantes. De qualquer forma, tais resultados trazem indícios de que pode haver diferenças nos padrões de uso de IR e de PEGAR na perífrase V1 (E) V2 quanto ao gênero textual. Essas diferenças podem estar relacionadas a graus distintos de disseminação das formas em termos de gênero textual e fomentar a elaboração de hipóteses a serem testadas em estudos futuros, com maior número de informantes.

Uma sugestão para pesquisas futuras é que sejam realizadas análises comparativas entre os resultados obtidos neste estudo e resultados provenientes de outras regiões do país, especialmente se for possível utilizar como fonte de dados corpora constituídos na década de 1990 e com gêneros textuais idênticos ou semelhantes. Isso permitiria a construção de um quadro mais completo da gramaticalização de IR e PEGAR no português brasileiro da época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Christiane M. B.; OLIVEIRA, Maria José. Gramaticalização do verbo PEGAR em construções perifrásticas [PEGAR + (E) + V2] – uma abordagem formal. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 135-164, 2010.
- BERLINCK, Rosane de Andrade; BIAZOLLI, Caroline Carnielli; BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia. Gêneros do jornal e estilo: (re)visitando a variação linguística. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (Orgs.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 261-279.
- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BRINTON, Laurel J. *The development of English aspectual systems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- COLAÇO, Madalena. Construções com constituintes verbais coordenados em PE. *Textos Selecionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, 2010. p. 307-321.
- COSERIU, Eugenio. “Tomo y me voy”: un problema de sintaxis comparada europea. In: COSERIU, Eugenio. *Estudios de lingüística románica*. Madri: Guedos, 1977. p. 79-151.
- COSERIU, Eugenio. *El sistema verbal románico*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1996.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da (Org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.
- DANTAS, Wagner Saback; GIBBON, Adriana de Oliveira. A abordagem de estilo de fala narrativa na proposta da “árvore da decisão”: algumas questões de análise. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (Orgs.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 141-162.
- ECKERT, Penelope. Style and social meaning. In: RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (Orgs.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 123-139.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; REIS, Mariléia; BACK, Ângela Cristina D. P.; ROST-SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. O controle do gênero textual/sequências discursivas na motivação da variação sociolinguística: apontamentos metodológicos. *Odisseia*, Natal, n. 3, p. 1-23, 2009.
- GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. O objeto de estudo na interface variaçãogramaticalização. In: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia F. (Orgs.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017. p. 35-63.
- HADDINGTON, Pentti; JANTUNEN, Jarmo H.; SIVONEN, Jari. Language and affect: Go-Say and Come-Say constructions in Finnish. *SKY Journal of Linguistics*, v. 24, p. 75-117, 2011.
- HOPPER, Paul John.; TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- KENISTON, Hayward. Verbal aspect in Spanish. *Hispania*, v. 19, p. 163-176, 1936.

- LABOV, William. *The language of life and death: the transformation of experience in oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, William. Ordinary events. In: THORNBORROW, Joanna; COATES, Jennifer. (Eds.). *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 31-43.
- LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Cristina B.; TUCKER, Gary Richards (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- MACAULAY, Ronald K. S. The question of genre. In: RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 78-82.
- MAIR, Christian. Grammaticalization and corpus linguistics. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). *Handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 239-250.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Parábola, São Paulo, 2008.
- MARTIN, James R. A universe of meaning – how many practices? In: JOHNS, A. M. (Ed.). *Genre in the classroom: multiple perspectives*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2002. p. 269-278.
- MARTIN, James R. Design and practice: enacting functional linguistics. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 20, p. 116-126, 2000.
- MARTIN, James R. Macro-genres: the ecology of the page. *Network*, v. 21, p. 29-52, 1994.
- MARTIN, James R.; ROSE, David. *Genre relations: mapping culture*. London: Equinox, 2008.
- MERLAN, Aurelia. Sobre as chamadas perífrases verbais paratáticas do tipo PEGAR E + V2 nas línguas românicas. *Línguas e Literaturas XVI*, Faculdade de Letras, Porto, p.159-205, 1999.
- MONDORF, Britta. Genre effects in the replacement of reflexives by particles. In: DORGELOH, Heidrun; WANNER, Anja. (Eds.). *Syntactic variation and genre*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2010. p. 219-245.
- NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). *Handbook of grammaticalization*. Oxford: Blackwell, 2011.
- NORRICK, Neal R. Narratives of vicarious experience in conversation. *Language in Society*, v. 42, p. 385-406, 2013.
- PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. Gêneros e tipos de texto: aproximações e distinções. *Diacrítica*, Braga, v. 24, p. 471-489, 2010.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Forma e função nos gêneros de discurso. *Alfa*, v. 41, n. esp., p. 79-98, 1997.
- RIESSMAN, Catherine Kohler. *Narrative methods for the human sciences*. London: SAGE, 2008.
- RODRIGUES, Angélica Terezinha Carmo. “*Eu fui e fiz esta tese*”: as construções do tipo FOI FEZ no português do Brasil. 2006. 222 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- SÁNCHEZ, Ivo. *Pseudo-coordination*. Unpublished paper (University of California at Santa Barbara), 1999.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em 4/14/2019.
- TAAVITSAINEN, Irma. Changing convention of writing: the dynamics of genres, text types, and text traditions. *European Journal of English Studies*, v. 5, n. 2, p. 139-150, 2001.
- TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- TAGLIAMONTE, Sali. The grammaticalization of the present perfect in English: tracks of change and continuity in a linguistic enclave. In: FISCHER, Olga; ROSENBAACH, Anette;

- STEIN, Dieter (Eds.). *Pathways of change: grammaticalization in English*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. 329-354.
- TAUBE, Moshe. Verbal hendiadys in Yiddish. In: JACOBS, N; ARONSON, H. I.; SHANNON, T. (Eds.). *Yiddish and typology*. 2012. (draft version) Disponível em: <http://ling.huji.ac.il/Staff/MosheTaube/docs/Hendiadys.pdf>. Acesso em 8/11/2018.
- TAVARES, Maria Alice. Graus de integração entre os verbos da perífrase V1 (E) V2 em uma perspectiva de interface variação-gramaticalização. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, p. 1-20, 2018.
- TAVARES, Maria Alice. Mapeando textos de diferentes gêneros em entrevistas sociolinguísticas: o caso do banco de dados VARSUL. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 176-194, 2015.
- TAVARES, Maria Alice. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, Edair M.; COELHO, Izete L.; SOUZA, Christiane N. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 203-223.
- TAVARES, Maria Alice. Variação e gramaticalização na indicação de aspecto global através da perífrase [*V1*auxiliar (*PEGAR*, *CHEGAR*, *IR* etc.) (*E*) + *V2*principal]: um estudo sociofuncionalista comparativo. Relatório Técnico de Pesquisa, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2012.
- TAVARES, Maria Alice. “Eu pego e estudo para a prova”: verbo auxiliar? In: OLIVEIRA, Mariângela R.; ROSÁRIO, Ivo C. (Orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009a. p. 43-51.
- TAVARES, Maria Alice. “Aí ela foi na delegacia”/“Aí ele foi e disse”: indícios sincrônicos de gramaticalização. In: HORA, Dermeval (Org.). *Anais do VI Congresso Internacional da Abralín*. João Pessoa, 2009b. p. 2059-2066.
- VOTRE, Sebastião; OLIVEIRA, Mariângela Rios (Coords.). *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Impreso, 1995.
- WALKER, Jim. The perfectivization of the English perfect. In: HANCIL, Sylvie; KÖMIG, Ekkehard (Eds.). *Grammaticalization: theory and data*. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 53-66.